

# **O DESAFIO DE APRENDER COM AS CRIANÇAS:**

## **O JOGO DE BINGO**

### **THE CHALLENGE OF LEARNING WITH CHILDREN:**

#### **THE BINGO GAME**

Cristiana Callai de Souza\*

#### **Resumo**

*Neste texto, busco, a partir de uma experiência vivida no cotidiano escolar da Educação Infantil, problematizar algumas “verdades” da Pedagogia Moderna referentes à concepção de criança enquanto falta: ir-racional, in-completa, in-capaz. Essa concepção foi inventada pela Modernidade e, para assegurá-la e torná-la hegemônica, houve e ainda há todo um aparato metodológico que legisla modos de compreender a criança. Nos encontros vividos com as crianças no cotidiano escolar, sou afetada pela experiência da incerteza, que abre possibilidades para o compartilhamento de saberes. Ao deslocar os olhos dos pressupostos universais para os pequenos gestos, percebo-as como protagonistas nas ações e interações que estabelecem com o mundo. Elas revelam suas maneiras de viver no cotidiano, seus saberes tecidos para além do espaço/tempo escolar. Saberes muitas vezes desconsiderados e não (re) conhecidos, que não raramente escondem os nossos não-saberes, a nossa limitação de não conseguirmos ver o que não compreendemos. As crianças nos oferecem pistas para (re) pensarmos o território educacional, entendendo-o como espaço/tempo de tensões, negociações, criações. É no saber da experiência, sentida, vivida e experimentada que algumas marcas se inscrevem, deixam vestígios e efeitos de sentido.*

**Palavras-chave:** *Experiência, Cotidiano Escolar, Educação Infantil.*

#### **Abstract**

*In this article, I seek from an experience in the school routine of children's education, to bring about some "truths" of modern pedagogy concerning the conception of the child as unformed: ir-rational, in-complete, in-capable. This concept was invented in modern times and to make it secure and hegemonic, there was and there still is a whole methodological apparatus that legislates on ways of understanding the child. In meetings with children within the school routine, I am affected by the experience of*

*unsureness, which opens up possibilities for the sharing of knowledge. By shifting our eyes from the universal conditions for small gestures, I see them as protagonists in the actions and interactions they establish with the world. They reveal their way of living everyday life, and their knowledge gained beyond school experience. Knowledge that is often disregarded and not acknowledged, not infrequently hiding our lack of knowledge, our limitation as to not seeing what we do not understand. Children offer us clues to (re) think the area of education, understood as the spacetime of tensions, negotiations, creation. It is in the wisdom of experience, felt, lived and experienced that some brands are inscribed, leaving traces and effects of meaning.*

**Key words:** Experience, *Daily* Schooly, Childhood Education.

Este texto potencializa o desafio de aprender com as crianças nos acontecimentos cotidianos, que nos instigam a pensar coisas que ainda não havíamos pensado a partir da experiência do encontro, que irrompe e desloca a nossa atenção para os outros lugares ocupados pelas crianças no cotidiano escolar da Educação Infantil, para além do lugar do *não-saber*. É um convite para olharmos para as gestualidades mínimas, para os habitantes menores, para os seus saberes tantas vezes invisibilizados, saberes que inscrevem outros currículos na (re) apropriação dos espaços e tempos escolares. Experiências que nos ensinam, como a que passo a narrar agora.

Numa manhã do mês de julho de 2009, chego à escola. As crianças vão se achegando aos poucos, vagarosamente se acomodando na sala; algumas se reúnem para jogar no computador, outras pegam os brinquedos e se direcionam para o canto da sala e sentadas no chão brincam; há ainda aquelas que escolhem alguns livros de literatura e se organizam na mesa para fazerem suas leituras. Nesse momento, entendido como hora de brincar, fui convidada por Gabriela – 5 anos – e Laíza – 5 anos – a jogar com elas o bingo.

Em uma mesa nos acomodamos, Gabriela distribuiu as cartelas do bingo e as fichas para marcarmos os números. Logo após, ela pegou a sacola em que estavam os numerais. Laíza e eu intuímos que Gabriela seria a responsável pela jogada de bingo; porém, Laíza, contrária a essa atitude, queria se manifestar, reivindicar o seu direito de cantar os números, e, assim, faz um movimento com o corpo que acaba sendo invisibilizado por Gabriela, que, na ânsia de manter a situação sob controle, dá início ao jogo. Silenciada, Laíza recolhe-se ao seu lugar.

Aparentemente, essa é uma situação “comum” de bingo em que Gabriela canta os números e nós vamos marcando na cartela os números sorteados. Após algum tempo, estamos nós três por um número; coincidentemente, Laíza e eu estamos esperando o número 2; com sorte, completaríamos o bingo juntas, enquanto Gabriela está esperando o número 10, como mostra a figura a seguir.

<b>CRIS</b>	2			8	
		5			4
<b>GABRIELA</b>	10		4		
		8			3
<b>LAÍZA</b>	5		8		9
		6		2	

**Figura 1 – Resultado do jogo de bingo**

Há poucos números na sacola e a ansiedade para ver quem irá vencer a jogada começa a emergir: os olhares se cruzam, os olhares se desviam, os olhares se perdem. A impressão que tínhamos era que Gabriela estava demorando muito para cantar os números, porém não era impressão. Gabriela mexe e remexe com a mão dentro da sacola; Laíza e eu nos manifestamos dizendo: “Tira logo mais um número”. Com a posição de poder possibilitada pela posse da sacola dos números, Gabriela continua séria com a mão dentro da sacola, chacoalhando as pedrinhas. De repente, ela canta o número 10 e contente comemora: “Ganhei, ganhei, ganhei”. Laíza e eu lamentamos não ter saído o número 2. Jogada encerrada.

Estamos nos organizando para mais uma rodada; dessa vez, Laíza e Gabriela discutem para ver quem será a responsável por “organizar tudo”. Laíza requer o direito, pois, na jogada anterior, foi Gabriela quem organizou. Nesse momento, eu olho para o 10 em cima da mesa e percebo que na sacola não havia o número 10 e, na falta desse número, Gabriela não poderia vencer a jogada, a menos que fizesse a junção do número 1 e do zero. Duas peças estavam sobre a mesa formando o 10.

O estranhamento me faz lembrar a demora de Gabriela para tirar os números da sacola.

Entendo, então, que naquele momento ela estava procurando o número 10 dentro da sacola. Como não havia esse número, ela procurou o número 1 e o número zero; ao pegar um número guardou-o na mão e logo após procurou o outro; quando estava com os dois números em mãos, cantou o bingo, colocando em cima da mesa os numerais.

Num impulso, eu disse a Gabriela que ela havia roubado no jogo, ao que ela respondeu séria: “Eu não”. Eu aleguei que na sacola não havia o número 10 e que ela havia escolhido os números 1 e zero para ganhar. Diante da afirmação feita, ela respondeu enfaticamente: “Eu tirei o número 10 para você ganhar”. Fico sem entender e pergunto: “Como assim?” Gabriela, séria, me responde: “Eu tirei o número 10 para você ganhar”. Laíza, não entendendo o sentido das palavras, pergunta a Gabriela: “Como pode você ganhar pelo outro”? Ela estava inconformada com a situação e queria que a jogada não valesse.

Gabriela, dessa vez, desvia o olhar e repete mais uma, duas, três, quantas vezes fosse indagada a mesma frase: “Eu tirei o número 10 para você ganhar”. Ela se defende repetindo o mesmo e assume novamente o controle da situação, pois não há possibilidade de diálogo. Silenciadas pela postura de Gabriela, Laíza e eu ficamos sem entender e sem condições de argumentar.

Gabriela utilizou-se de “táticas” que marcam o jogo das relações com a ordem e dos indivíduos entre si, para escapar da conformação de perder. E, ao resistir, altera o jogo, nos pequenos atos transgressivos anônimos (Certeau, 1994). Ela resistiu frente a uma situação que afirmava não haver lugar para seu desejo de ganhar.

Ao subverter a regra do jogo que tem como norma orientar o sujeito no como fazer e a se comportar de forma esperada, sendo o mais fiel possível ao seu cumprimento, para fins de manter a ordem do mesmo, Gabriela me lança para além do traço reto da regra do bingo. Fico me questionando: “A regra admite que não haja um número dentro da sacola? E se não houver justamente o número que eu preciso para vencer, o que faço? Como Gabriela se move, desliza, escapa, diante de determinadas regras que o social traz como norma?”

A tensão entre regra e desejo não imobiliza Gabriela, que subverte a regra para vencer. Porém, enquanto a regra a servia, e Gabriela deu o tom no início do jogo, “Eu comando, eu estou no

controle, eu organizo tudo”, era legítimo seguir a regra, tanto que ela seguiu seus passos: primeiro, a escolha dos jogadores; depois, a distribuição das cartelas... Ela defendeu a ordenação necessária para o controle sobre o jogo e sobre as pessoas que participavam dele. Gabriela acreditava ter o controle sobre o jogo e acreditava também ter o controle sobre o resultado do jogo; porém, tanto no jogo quanto na vida, como na pesquisa com o cotidiano, o inesperado acontece. Ao não encontrar a peça de que precisava, ela reinventa sua jogada. Ela subverte o lugar de “não-saber” ocupado pelas crianças no discurso moderno, que, ao organizar as pessoas e as coisas, atribui-lhes lugares e papéis a serem representados. As crianças, nesse discurso, foram pensadas e reguladas a partir de um conjunto de interdições e de prescrições que sucessivamente negam ações, capacidades ou poderes às crianças, com base na sua incapacidade (Sarmiento, 2005).

Gabriela apresenta o seu protagonismo social como produtora e reprodutora de cultura, frente à impossibilidade apresentada no jogo de bingo; ela compartilha a sua maneira de “jogar” e joga o jogo do sistema dominante. Como agir na desigualdade?

As “artes de fazer” de Gabriela estabelecem uma (re) apropriação do espaço e do uso ao seu jeito e interesse. A situação apresentada não possibilitava que ela vencesse a partida a menos que subvertesse a imposição da regra e, conseqüentemente, imposições sociais e morais. Sua “arte” desperta o meu moralismo, que olha a situação a partir das lentes dicotômicas: bem ou mal, certo ou errado. Certeau (1994), ao contrário, me mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente da conformação. Essa invenção do cotidiano se chama “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência” que vão alterando os objetos e os códigos.

Ao resistir ao esperado – por mim –, Gabriela amplia as minhas possibilidades de compreensão daquela situação e eu começo a entender o jogo de bingo como uma metáfora que descortina as contradições incorporadas aos discursos e práticas pedagógicas, que fingem reconhecer as diferenças das crianças, suas experiências vividas em outros contextos sociais, para melhor encaixá-las na medida escolar, e, assim, negam sua alteridade.

Os olhares e indagações voltam-se para a situação vivida. Gabriela subverte a minha lógica, coloca-se em oposição ao esperado para ela. O que era esperado que Gabriela fizesse? Aceitasse

passivamente perder a partida? Cedesse a vitória para suas concorrentes? Manifestasse-se após o final do jogo, alegando que não havia o 10 na sacola? Reivindicasse a anulação do jogo? Mas aí não seria tarde, a vitória já não teria sido comemorada pelas outras participantes? Que ela falasse em tom firme e forte, para ser ouvida, que estava faltando uma peça importante do jogo? Será que ela “já sabe” que pouco são ouvidas? E se ela fosse ouvida na reivindicação de seus direitos, poderia ser indagada sobre o conhecimento quanto à ausência da peça, e o que responderia? De repente, já previa a impossibilidade de um discurso “certo” sair dela. Ou quem sabe, intuía sobre a ausência de ouvidos apurados.

Na relação de Gabriela com o mundo, há uma apropriação dos valores vividos: ela resiste às regras do jogo, subverte o controle e sujeição ao já instituído, ela me mostra como é difícil ser criança, falar e ser ouvida. Ela me faz pensar na paradoxal situação em que se encontra; ao ganhar, ela é excluída porque não o faz de uma maneira esperada; ao perder, é excluída porque só as vitórias são legitimadas. Ela sabe da sua posição enquanto criança e empreende-se para transformar a situação que é favorável ao outro.

Os acontecimentos, entendidos como relações de força que se invertem, possibilitam o mover-nos dos lugares muitas vezes ocupados na pesquisa com crianças em educação (sujeito x objeto), indicando a co-existência de lugares, saberes, realidades sociais nos minúsculos espaços/tempos em que as crianças jogam com o sistema dominante ao mesmo tempo em que fingem seu jogo. Gabriela refrata na subversão silenciosa os saberes da experiência vividos dentro e fora da escola.

O testemunho vivenciado a partir do jogo de bingo permite, em uma outra arrumação do espaço/tempo escolar, mais informal, descontraído, porque era hora de brincar, momento em que as crianças podem brincar com os jogos pedagógicos, brincar com as literaturas infantis, brincar de brincar, brincar com a lógica dominante, momento que se configura mais distante do olhar da professora de turma e da intervenção da mesma, a expressão de outras lógicas que escapam ao discurso da passividade infantil. Acontecimento fervilhante ante a complexa superfície do brincar, que muitas vezes é invisibilizado no processo pedagógico.

Gabriela abre seu próprio caminho, ela atua ativa e criativamente para controlar uma situação que se apresenta num jogo de azar e ressignifica-o em função dos seus interesses, necessidades e

desejos. Ela jogou com o sistema dominante, driblou suas normas e, ao jogar com a ordem estabelecida, ela resiste às imposições sociais. Ela apresenta seus saberes/fazeres, sem discurso, sem escritura, anonimamente. Gabriela aprendeu a jogar bingo, um jogo de azar, em que é difícil manter o controle, a sorte, por incentivo de um adulto, amigo de sua mãe, e nessa experiência ela entendeu a alma do jogo: “ganhar”. Nessa experiência compartilhada, ela era reconhecida quando ganhava. O que mostra que saber jogar é saber ganhar, nem que para isso tenha que subverter silenciosamente a regra. Ela reproduz essa “maneira de fazer” na escola, com seus colegas, no jogo de bingo.

Com base nos indícios quase imperceptíveis revelados no jogo de bingo, em que a atenção se volta aos pequenos detalhes, deslocando a atenção dos pressupostos universais, pergunto-me: quais as marcas contemporâneas que se apresentam no jogo na Educação Infantil? Como mediamos essas situações? O que estamos ensinando em nossas escolas?

Gabriela nos dá pistas sobre os valores individualistas, competitivos e excludentes que compartilha dentro e fora da escola. O desejo de vencer se sobrepõe. Desejos que brotam e ameaçam a normalização e a disciplinarização necessárias ao projeto educacional moderno, que em busca de legitimação ignora milhares de outros saberes e que nos diz como ensinar e o que esperar. O que esperamos das crianças?

Gabriela respondeu ao esperado por outra lógica, que diz: “Faça você mesmo, não deixe que a sorte atrapalhe o seu dia, seja uma vencedora...” Gabriela denuncia um projeto de mundo; ela acredita na possibilidade de controlar algo que é incontrolável: o jogo de azar. E, quando o imprevisto acontece, ela não demonstra surpresa, disfarça, ignora os olhares ansiosos e atentos a uma explicação e procura retomar o controle por outros artifícios, como por exemplo, repetindo a mesma frase que se apresenta sem sentido, joga a culpa no outro, “Eu fiz isso para você...”.

Esta frase me remete ao discurso salvacionista, não importa o que eu faça, não tente entender porque não há explicação plausível, estou fazendo isso para você, para o seu próprio bem, porque isso é o melhor, esse é o seu desejo, e, em nome dessa proposta de redenção futura travestida de progresso, usurpamos o “outro”.

O “outro” em nossa sociedade ocidental é entendido como o louco, a criança, o selvagem, o estrangeiro, o delinquente, o marginalizado, o deficiente, entre os outros que não correspondem à norma desta sociedade. Temos a necessidade destes “outros”, pois “o louco confirma e reforça nossa razão; a criança, a nossa maturidade; o selvagem, a nossa civilização; o marginalizado, a nossa integração; o estrangeiro, o nosso país; e o deficiente, a nossa normalidade” (Larrosa, 2003, p. 68). Este “outro” não é dotado de uma identidade única, mas plural e mutante, que, por algum motivo arbitrário, não se encaixa na ordem, nos padrões de uma sociedade hierarquizada.

Gabriela manipulou o jogo numa criação engenhosa e responde ao que fez num vai e vem de silêncios e repetições. Dessa forma, ela desloca minha atenção, porém, continuo querendo encontrar outros sentidos mais “previstos” para uma criança de 5 anos. Ela me mostra um corpo encarnado que é pura cultura, compartilhada nas instituições modernas de que participa, e que esses espaços/tempos são também preenchidos pelas ações das crianças, de forma direta e participativa, de modo intersticial, isto é, por meio de um *protagonismo* infantil, como modo de resistência nos espaços ocultos ou afastados da influência adulta (Sarmiento e Pinto, 1997).

Gabriela apresenta sua singularidade, a impossibilidade de generalizar, jogando-me no limbo das contradições, mostrando-me os perigos das afirmações: “A criança é...” Ela me faz, ao vivo e em cores, questionar o grande mito ocidental da infância, no qual a criança é percebida muito mais pela sua ausência do que pela sua presença, condição que nega seu papel de sujeito social, concebendo-a como objeto passivo, como entidade descolada das relações sociais, ainda vista com os ares angelicais. Gabriela participa do mundo e das suas relações, ela transforma o cotidiano.

Nesse acontecimento, a alteridade de Gabriela irrompe e toma conta da cena pedagógica. Ela me ajuda a compreender um pouco mais o meu “entrelugar” nesta pesquisa, como espaço de resignificação, de possibilidade de dissolução de estereótipos e preconceitos, e de empoderamento e fortalecimento da autoconfiança e da capacidade de ação das pessoas e dos grupos populares (Bhabha, 1998).

Com as inúmeras e sofridas tentativas de desprender-me do projeto educacional moderno – ainda, muitas vezes, presa às suas amarras, mesmo quando me afrouxo por fora, fica a linha que me costura por dentro e que ensina a trabalhar com o esperado. Porém, esse esperado é

constantemente ameaçado pelos “outros” da educação, que trazem à tona o insuspeito, o inimaginável, o imprevisto, que nos permite re-pensar a educação, desalojando os nossos saberes/fazer.

O projeto educacional moderno ainda orienta muito os nossos saberes/fazer pedagógicos, a organização do currículo, a avaliação escolar, a rotina que faz parte do cotidiano da educação das crianças. Nele, a complexidade do mundo fica reduzida a uma organização linear e artificial das próprias experiências com o conhecer, e a multiplicidade das realidades vividas pelos sujeitos é invisibilizada porque não encontra lugar nessa lógica, que as desqualifica. Lógicas outras, que se apresentam como roubos.

Que outros ruídos as “táticas” de Gabriela nos provocam? Como afirma Certeau, (1994), “Essas táticas dos fracos, dos praticantes, que geralmente surgem diante da impossibilidade de uma ação direta dos sujeitos contra situações sob as quais aparentemente não se tem o controle, e que é desprovida de um sentido ético” (p. 101).

Pesquisar com o cotidiano em sua dose de incerteza permite ver para além do visível, do esperado; não foi apenas mais uma situação “comum” de bingo, foi o desaprender, com riso e dor de algumas “verdades” que me educam. Esse encontro me permitiu pensar a alteridade, a irrupção do outro, com o qual nos deparamos cotidianamente.

Muitas vezes, no cotidiano escolar, deparamo-nos com situações inusitadas, com o inesperado, com o imprevisto, e tantas outras vezes, nesses encontros não planejados, não sabemos o que fazer; então, desviamos o olhar, fingimos que não vemos, ouvimos, sentimos. Como se fosse possível, depois dessa experiência de encontros, continuar sendo exatamente o que se é. A subversão silenciosa de Gabriela monopoliza os meus pensamentos, muitas inquietações ainda me rondam, pois ela, na sua criação engenhosa, revela o que se passa nos interstícios sociais. A ordem é jogar, resistir ao conformismo.

Ao ser convidada por Gabriela e Laíza a jogar bingo *com* elas, fui convidada também a compartilhar suas vivências, o que possibilitou, por uma prática reflexiva, compreendê-las como atores sociais, capazes de criar e modificar a cultura. Elas me revelaram os modos diferenciados pelos quais

interpretam, simbolizam e comunicam as suas percepções do mundo, interagem com outras crianças e com os adultos e desenvolvem a sua ação no espaço público e privado (Sarmiento e Pinto, 1997).

Gabriela me desafiou a compreender que o “outro”, entendido enquanto alteridade, altera o jogo. No jogo de bingo, ela vai me dando pistas de outros saberes/fazeres desconhecidos por mim. O que ela me apresenta são outras tonalidades para o que está escondido no estereótipo de lugar “comum”, nas frequentes naturalizações que fazemos no cotidiano escolar da Educação Infantil.

Quantas vezes nos falta o número 10 na sacola? E o que fazemos? Quantas vezes perdemos o jogo porque é legítimo que o outro ganhe? Quantas vezes não questionamos as vitórias dos outros? Mesmo ao intuir que essa vitória possa nos dizer coisas.

Ao balançar os alicerces dos meus saberes e não-saberes, Gabriela me ensinou muitas coisas, que só se tornaram possíveis de serem pensadas na experiência vivida, que produz diferença, heterogeneidade e pluralidade, é irrepetível e tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida; além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem 'pré-ver' nem 'pré-dizer'” (Larrosa, 2002, p. 28: grifos no original).

Gabriela compartilhou seus saberes da vida cotidiana, saberes muitas vezes desconsiderados e não (re) conhecidos, que não raramente escondem os nossos não-saberes, a nossa limitação de não conseguirmos ver o que não compreendemos. Ela nos oferece pistas para (re) pensarmos o território educacional, entendendo-o como espaço/tempo de tensões, negociações, criações. No jogo de bingo, Gabriela me joga na arte de pensar, de (re) pensar sua subversão silenciosa, sua apropriação imprevisível, incontável e modificadora de viver o cotidiano. Ela me ensina sobre a história muda do cotidiano, muda para os nossos ouvidos surdos, muda porque aprendemos que o “infante” é aquele que não fala. Gabriela tece seus saberes/fazeres no cotidiano, ela sabe muitas coisas que não nos fala, ou até nos fala, mas nós não escutamos porque “já sabemos” (quem nos disse?) que elas não têm nada de importante a dizer, da mesma forma que ela “já sabe” (quem lhe disse?) da nossa dificuldade para ouvir as pistas que ela nos oferece cotidianamente.

Investir na pesquisa com as crianças, como sujeitos e “atores sociais” (Sarmiento e Pinto, 1997) do mundo que compartilhamos, permite-me, ainda que lutando com a herança fortemente inspirada na lógica da racionalidade iluminista, em que cada sujeito deve ocupar um lugar definido na cultura escolar – professor e aluno, quem ensina e quem aprende, quem sabe e quem não sabe... –, problematizar esses lugares, numa relação “aprendente e ensinante” (Freire, 2005), entendendo que o ensino e a aprendizagem são um só processo indissociável, tecido na relação entre os sujeitos e não uma ação de uns sobre os outros, que o conhecimento é produzido nesta relação estabelecida entre sujeitos de diferentes saberes, diferentes culturas, diferentes tempos e espaços.

Ao ser afetada pelas crianças em suas “trampolinagens”, sou lançada para outros territórios, em que habitam outras lógicas com suas “astuciosas” manobras praticadas no cotidiano escolar da Educação Infantil (Certeau, 1994). Essas crianças, cada uma do seu jeito, revelam os meus não-saberes sobre seu universo, revelam ainda a dificuldade de ouvir as vozes “menores” de nossa sociedade.

Esse acontecimento narrado, vivenciado às 7 horas da manhã, de uma fria e sonolenta manhã do mês de julho de 2009, potencializa o desafio da pesquisa com crianças, cuja beleza estou aprendendo a admirar, olhar de novo, aplacando o juízo. Gabriela, menina franzina, silenciosa, pele morena e cabelo enrolado, me disse aquilo que não se pode dizer e está me ensinando a difícil arte de desaprender.

## **Referências**

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24., 2002, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPEd, 2002. (cd rom)

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo horizonte: Autêntica, 2003.

SARMENTO, Manuel. *Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*.

*Educação & Sociedade*, Campinas: CEDES, n. 91, p. 361-378, 2005.

SARMENTO, Manuel; PINTO, Manuel (Coord.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

**Dados da autora:**

\*Cristiana Callai de Souza

Doutoranda em Educação – Universidade Federal Fluminense/UFF – e Mestre em Educação nas Ciências – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/UNIJUÍ.

Endereço para contato:

Universidade Federal Fluminense  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Rua Visconde do Rio Branco, nº 882 – bl. D – sl. 512

Campus do Gragoatá – São Domingos  
24.210-350 Niterói, RJ – Brasil

Endereço eletrônico: [criscallai@bol.com.br](mailto:criscallai@bol.com.br)

Data de recebimento: 14 jan. 2010

Data de aprovação: 26 abr. 2010